

A banda dos chapéus

Já lá vai o tempo em que os músicos não tinham farda, nem transportes, percorrendo a pé distâncias com algumas dezenas de quilómetros. Não tinham farda, mas usavam chapéu. Um dia o Rei D. Luís foi homenageado em Vila Real com desfile de bandas da província ...havia uma que dava nas vistas porque os músicos apresentavam-se com chapéus todos diferentes e coloridos: “Que banda é aquela?” Perguntou o rei espantado à comitiva. Como ninguém sabia responder, o soberano chamou “banda dos chapéus àquele conjunto de músicos que marchava com aprumo e elegância. Mateus e S. Mamede de Riba Tua estavam presentes e terão dado nas vistas com a marcha que tocaram, impressionando o séquito real...

De súbito ouve-se de uma filarmónica uma revoada de notas a soltarem-se, desencontradas, agrestes e raivosas. Os músicos que as tocam mais parecem uns assaltantes de capoeiras, indigentes e malvestidos. O rei complacente, apenas lhes terá sorrido levantando discretamente a mão. Quem por Mateus passou e pela sua banda, não mais esquece a voz dos sentimentos mais fundos que tocam o coração. Mateus é um património, herança do passado que hoje nós deixaremos aos que nos sucederem... lembrar episódios de outros tempos é um tema que não cairá nunca no diáfano manto do silêncio...

Em Mateus a banda continua a fazer história. Uma história construída por uma constelação de músicos de génio e elevação cívica. A música vai permanecendo viva no coração dos seus habitantes e hoje falar desta terra é lembrar uma coletividade que nasceu no tempo das invasões francesas, corria o ano de 1810, coincidindo com o nascimento de Schumann e Chopin este último lembrado em Mateus através da sua marcha fúnebre que solenemente era tocada em funerais de músicos e familiares

Os jovens envolviam-se na magia dos sons desde pequeninos porque o meio era profundamente musical e as notas não eram apenas sons, mas a própria essência da vida modelada na exaltação plena da fé como expressão maior da vontade do Criador.

Em Mateus, a música era uma experiência social e intelectual que facilmente se compreendia. Os músicos eram admirados na terra e fora dela. Nas festas, a banda era recebida com admiração e respeito. Sabia-se que a coletividade tinha como fundador um frei que para os mais crentes era considerado como uma espécie de santo pelos milagres a ele atribuídos e pela força expressiva das palavras que recorriam a toda a gama de sentimentos humanos...

As bandas filarmónicas têm sido ao longo dos tempos uma referência maior na cultura que por cá se vai fazendo. Ainda hoje elas exibem música de excelência nas festas, sabendo interpretar os maiores compositores da história da música universal. Pontificando a sua presença um pouco por todos os cantos do país, as romarias ganham

contornos de colorido e animação e não há ato de religiosidade elevada que prescindida da prestação das nossas filarmónicas.

Dizem que um dia, frei Vicente viu plasmado em sonho o rosto de um anjo tocando uma lira celestial, e desse anjo saíram palavras límpidas e frescas como a mais fresca manhã de orvalho... enquanto o anjo tocava, um coro de anjinhos acompanhava-o com uma harmonia iluminada e florida. E o frei despertou inspirado para a música...

E desse sonho nasceu a necessidade de dar aos jovens uma nova e eloquente preparação para a vida através da aprendizagem de uma linguagem nova e espiritual... e assim a Banda de Mateus nasce, proliferando iluminada por uma estrela resplandecente e misteriosa.